

Miguel Real

A Ministra

QuidNovi

Em todos os tempos encontramos admiráveis sátiras e metáforas da condição humana, dos comportamentos individuais e colectivos, dos movimentos sociais, políticos e culturais. Miguel Real, no seu livro *A Ministra*, vem agitar as letras portuguesas ultimamente menos dadas ao exercício de uma ficção (fundamental) que assuma um olhar largo, actuante, uma lúcida e firme crítica em relação à maneira como anda (ou desanda) a vida dos povos. Nessa linha, recordamos, entre outros, a importância de escritores como Eça, Ramalho Ortigão ou O'Neill.

Depois de noutros dois livros (*Memórias de Branca Dias* e *O Último Minuto na Vida de S.*) haver urdido, respectivamente, uma mulher do século XVI, perseguida pela Inquisição, e a paixão entre uma intelectual e um político, no século XX português, Miguel Real tomou para esta novela uma personagem perturbadora, seca de emoções, talvez “seca de amor” a partir do dia em que a mãe por amor morrera. Uma mulher que, por estranha natureza, “decapitava bonecas” em criança e na Faculdade desenhava “professores capados”. Chamavam-lhe a Encolhidinha. Com as “artes de encolhimento” levava a água aos seus interesses. Usava quem lhe fosse útil para subir degraus, depois largava, humilhava, como acontecera ao marido.

O “tipo literário” que Miguel Real cria para este livro é do género feminino, mas também existe no masculino. Convidada para ministra da Educação nas vésperas de Natal (ambição frustrada, solidão total), a própria protagonista considera-se uma “ (...) personalidade maquiavélica, mas, verdadeiramente, não mais maquiavélica do que

a generalidade dos restantes que atingem altos postos de responsabilidade (...)”.

A meu ver, torna-se irrelevante associar à personagem o nome de A ou B... A obra de Miguel Real tem uma dimensão superior ao caricaturar o mundo contemporâneo. Fáz-lo por meio de alguém auto-suficiente (mesmo na sexualidade), criatura sedenta de poder absoluto, inflexível, severa consigo mesma, marcada pela educação recebida dos tios que a acolherem depois de o pai ter assassinado a mãe por ciúmes, no Algarve, violência que presenciou aos quatro anos. “O único defeito da tia-mãe” era “espetar-me bofetadas (...) a torto e a direito”, então “gritava furiosamente pela mãe morta”. E o tio-pai dera-lhe um conselho nunca esquecido: “Corre para o lado da direcção do vento”.

Uma educação sem horizontes foi ainda a que teve no Orfanato a cuja directora os alunos chamavam Cavalgadura. Superou-a. Chegou a catedrática de Sociologia das Estatísticas. Não deixa de se lhe reconhecer trabalho, todavia firmado num espírito “frio e monocórdico”, obcecado pela tecnocracia. Sublinhe-se entretanto o modo como Miguel Real elabora o enfoque satírico no ensino: o realismo do presente e a assustadora projecção feita pela personagem para o século XXI (que “deveria ser governado exclusivamente pelos números”), não impede uma aguda ironia à volta de outros modelos educacionais (antigos ou próximos).

Refira-se igualmente a forma magistral como o autor retrata nesta novela os núcleos familiares e o jogo conflitual, numa escrita intensa, sensível, esteticamente perfeita, a que já nos habituou em romances como *a’ Voz da Terra* ou *O Último Negreiro*.